

# Para FHC, os fatores “extra-econômicos” atrasam os avanços

Cristina Borges Guimarães  
de São Paulo

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disse não acreditar que as denúncias de sonegação fiscal contra os presidentes do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, do Banco do Brasil, Cássio Casseb, e contra o diretor de Política Monetária do BC, Luiz Augusto Candiota, vão interferir no crescimento do Brasil. “O País já tem maturidade suficiente para diferenciar tópicos de críticas globais”, disse FHC, que se mostrou otimista com o desempenho econômico brasileiro, mas disse que a principal preocupação está relacionada com a velocidade da retomada.

Os fatores de ordem política e cultural foram apontados pelo ex-presidente como tão relevantes quanto os econômicos para o desenvolvimento nacional. “Estamos avançando, mas não podemos olhar apenas aspectos econômicos”, disse FHC. Ele disse que o diferencial do Brasil é que o País é, ao mesmo tempo, uma potência agrícola com uma indústria diversificada. Além disso o setor de serviço apresentou grande evolução, a exemplo dos bancos.

Apesar deste diferencial, o País não avançou mais, segundo FHC, em função de fatores extra-econômicos. “O desenvolvimento depende de áreas não ligadas à produção”, disse, fazendo referência à necessidade de inovação e de definição de marcos regulatórios. Para o ex-presidente, o Brasil precisa de um casamento maior entre a produção de idéias e bens; mais interação entre a universidade e o governo; do fortalecimento da marca e do design brasileiros, como começa a acontecer com a moda nacional; e de assegurar a “formalidade democrática”.

O ex-presidente não vê nenhum fator externo perturbador iminente, apesar das incertezas. “Não tenho perspectivas negativas a médio

prazo, desde que se entenda onde estão os ‘gaps’ (falhas) e se tenha consciência de que resultados são alcançados com tempo e persistência”, disse FHC otimista com o rumo da economia brasileira. Segundo ele, muitas vezes a sociedade brasileira tem dúvidas quanto ao rumo da economia e ainda espera um milagre, o que reflete negativamente no desenvolvimento. “Não estou criticando o governo nem os líderes. Somos nós a sociedade. O que dá a um país grandeza é a confiança no seu destino.”

De acordo com FHC, lutar com convicção por idéias é “tão importante para a economia como abaixar os juros”. As propostas de FHC para que o País atinja o desenvolvimento sustentado, apresentadas durante mais de uma hora

de palestra, passaram por questões tais como democracia, burocracia profissionalizada, incorporação ao mercado global sem deixar o mercado interno em segundo plano, inovações e uma política industrial diversificada.

“Há condições de desenvolvimento, mas faltam algumas coisas que não estão só na esfera econômica”, concluiu FHC, que realizou ontem a palestra de encerramento dos trabalhos dos conselhos superiores temáticos que compõem o Instituto Roberto Simonsen, promovidos às vésperas das eleições na Federação da Indústria do Estado de São Paulo (Fiesp), que acontecem no próximo dia 25.

Outro ponto importante para o desenvolvimento é a decisão de “priorizar o Mercosul, mantendo as boas relações com os Estados Unidos, para que eles não perturbem o processo”. FHC disse que o Brasil é um participante ativo do mercado global e que “não devemos cair no engano terceiro mundista, porque não existe mais isso”. Ele disse ainda que a orientação nesta matéria tem sido a mesma desde Sarney.

“O crescimento depende também de áreas não ligadas à produção”